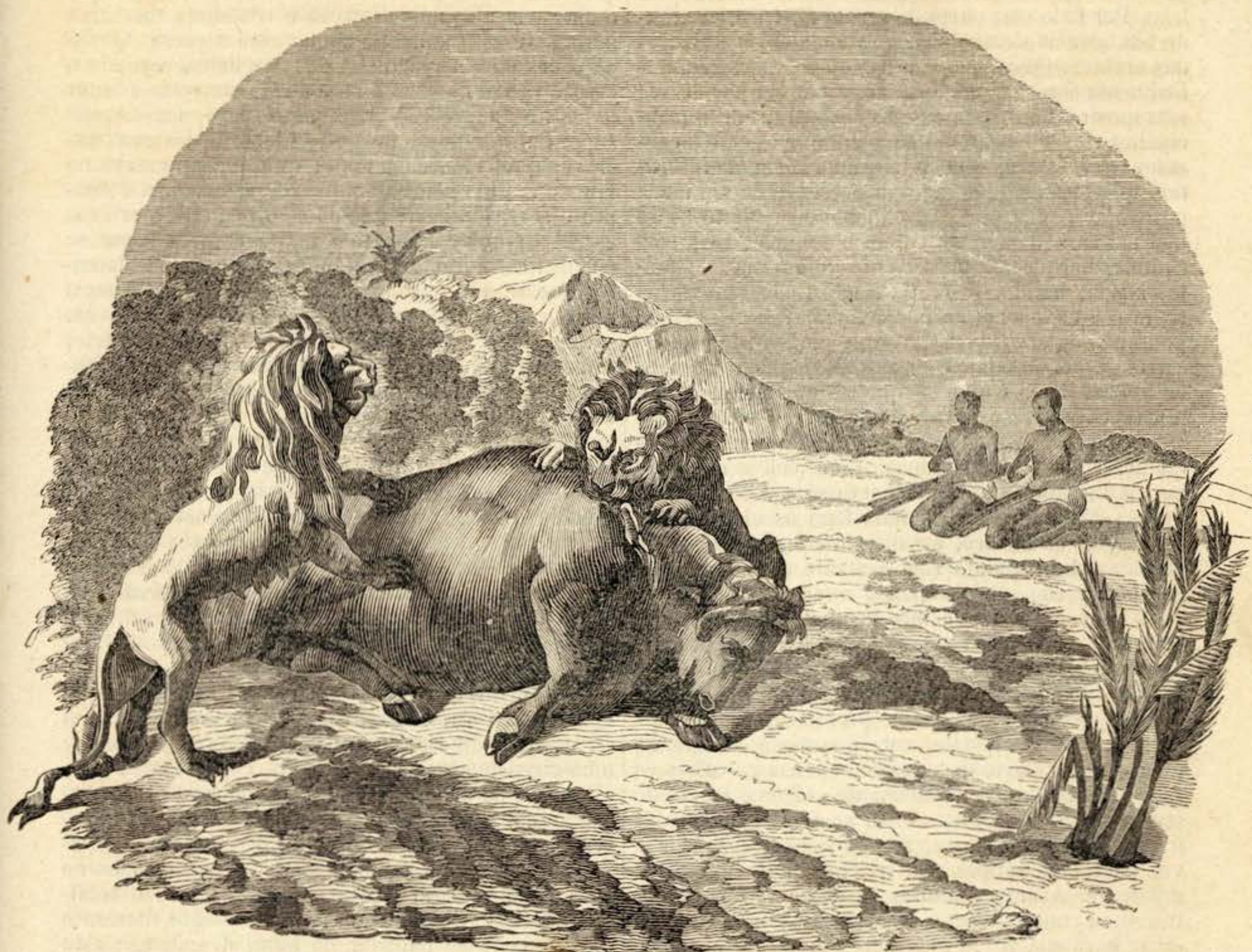


Munhães deprecando o leão. — Desenho de Bordalo. — Gravura de Coelho.

POVOS MUNHÃES DO MONOMOTAPA.

Seus usos mais notaveis.

Na epocha da conquista da parte oriental d'Africa, o Monomotapa era um dos seus principaes imperios. Com o andar dos tempos tem decaido consideravelmente, e em 1854 era insignificante esta potencia, pela divisão em que estava. Cada principe, ramo dos imperadores e dos seus descendentes, logo que tem edade, fórma uma povoação, e um estado seu, que cresce conforme a sua liberalidade na distribuição dos roubos, que formam a base dos seus rendimentos, e tambem do maior apoio e protecção que dá aos ladrões. A poligamia entre os cafres não só é auctorisada, mas ao grande numero de mulheres ligam a idéa e consideração de grandeza e riqueza. Por isto é facil de conceber o numero de principes que haverá, com outras tantas povoações e coitos de salteadores privilegiados. *Munhãe* é synonymo de soldado, ou homem de guerra. Os munhães pouco cultivam; vivem geralmente de caça e fructos silvestres. A *Chedima*, que assim se chama o seu territorio, começa um pouco ao poente da lupata do Zambeze, e pela direita d'este rio chega até ao Zumbo, e entra muito para o poente e sul. Todo este vasto territorio está inculto, coberto de matas espessas, muitas campinas, povoadissimas de antilopes, assim como de bufalos, e da mesma fórma de feras, avultando muito os leões. Os munhães crêem que as almas dos seus principes mortos passam para os corpos d'estes animaes, e por isso os veneram como morada permanente d'aquelles espiritos. Os leões da Chedima são dos reaes, bastante corpulentos, grande juba, e de um amarello torrado. Pela muita abundancia que ha de quadrupedes, e pela facilidade que tem em apanhal-os, os leões andam sempre fartos, e é raro o caso em que o leão mata um cafre. Quando isto acontece alguma vez, attribuem o caso a falta que elle, ou parente seu commetteu para com o *pondoro*. É assim que chamam ao leão, e por conseguinte a povoação onde residia o principe, depois de morto, conserva-se no mesmo estado, e é chamada *Muzinda-a-pondoro F*..., isto é, *povoação do leão F*.... Costumam crescer muito pela gente que se lhe aggrega, porque é um crime resistir a um filho do pondoro, isto é, a uma pessoa que habita na povoação da alma do principe, e por isso estes ladrões são mais implacaveis. Quando acontece ser algum cafre apanhado pelo leão, os parentes tratam de aplacar a ira d'aquella alma por meio de offertas, que vem a ser farinha de milho, uma cabra, ou carneiro, e algumas vezes mesmo uma vacca, que vão pôr no sitio aonde o seu parente foi apanhado, e que deixam alli como signal de satisfação expiatoria da culpa commettida, o que é acompanhado com libações de pombe, bebida feita de milho fermentado.

O costume habitual dos munhães é andarem pelos matos agenciando a vida. Se encontram algum passageiro estranho, a quem possam roubar sob qual-

quer pretexto não lhe perdoam; no entanto que procuram mel, fructos silvestres, e carne morta pelo leão. Por toda esta parte do sertão d'Africa ha grande abundancia de abelhas, que enxameam nos ocos das arvores. Quem não tem bastante experiencia difficilmente descobre um enxame, a não ser por acaso; mas quem a tem facilmente os encontra, muito principalmente com o auxilio da ave a que os cafres chamam *issái*, isto é, o cuco indicador, *cuculus indicator*, que encontrando gente a persegue de um modo particular a dar pios, aproximando-se muito se se não faz caso d'elle. Os cafres o seguem, mas com cautela, porque muitas vezes os guia a um elephante, abada, bufalo, leão, tigre, etc., mas por via de regra é a enxames que elle conduz. Vae-os guiando pousando de arvore em arvore, e piando sempre. Os cafres respondem-lhe com assobios, que imitam os chilros da ave, e parece que se entendem. Finalmente chegando á arvore onde está o enxame investe-se ao buraco da entrada, que geralmente é pequeno, e no alto do tronco. Começam a operação por juntarem uma pouca de herva sêcca. Accendendo lume (com dois paus) deitam fogo ás abelhas que se chegam ao buraco, em quanto com o machado o vão alargando quanto seja bastante para chegarem aos favos, não interrompendo nunca o mesmo processo do fogo, para a queima das abelhas. Em quanto isto dura o passaro revoa de arvore em arvore nas proximidades, chegando até á mesma onde está o enxame. Dando constantemente pios de impaciencia, parece por vezes que se lhe percebe querer obstar ao saque. Acabado elle, com a queima, e destruição da maior parte do enxame, apenas os cafres se retiram, vae logo o denunciante colher o fructo do seu trabalho, aproveitando-se com sofreguidão dos fragmentos que ficaram, piando sempre mas d'esta vez baixinho, porque mal se ouve, e de um modo differente. Acontece muitas vezes no sertão encontrarem-se umas poucas d'estas aves, e cada uma guiar para sua parte differente. Vê-se de um modo claro pelos differentes tons do chilrado, o seu sentimento, ou talvez a sua ira quando não fazem caso do seu chamado, e não as seguem. Umas vezes parece que pedem com ternura e humildade, outras que ameaçam, e chegam-se ás vezes tão perto, que quasi tocam na cabeça da gente. D'esta fórma seguem-nos muito tempo, até que desapparecem. Os munhães comem assim mesmo quentes os favos com a cera juntamente, e mesmo não lhes obsta que tenham larvas. O resto, e o mais que vão apanhando, o mettem em panellas que vendem depois.

A caça morta pelo leão é outro ramo de industria. De dia procuram ver os bandos de abutres, que elles chamam *mogóras*, que são os *urubús* do Brazil, ou abutres de cabeça nua. Estas aves indicam a existencia de animal morto. Tambem por ellas se conhece se a fera o abandonou, ou se ainda o está devorando, porque andando ellas pairando pelo ar, poisando em arvores, e em movimento continuo de impaciencia, sem descerem ao chão, é certo que a fera não abandonou ainda a presa. Se ellas porém descem logo ao chão, é porque são senhoras do campo. Apesar da não presença da fera, estas aves estão sempre a levantar e abaixar o vôo. É seguindo-as que os munhães se apoderam da presa. As mogóras quasi que lhes tiram a carne das mãos, mettendo-se por entre elles. Para se verem livres d'ellas costumam atirar-lhes com pedaços de intestinos, e pelles, para as entreterem, porque não ousam fazer-lhes mal.

Os cafres estão na crença de que o viajante que pernoita no mato não é offendido por fera alguma estando deitado ou dormindo. O facto é que não consta haver exemplo em contrario.

É mui frequente de noite, sobre a madrugada, ouvirem rugidos do leão, de um modo particular, pelo qual conhecem que elle tem feito presa. Logo que é dia saem n'aquella direcção e vão ainda encontrar muitas vezes o animal a contas com a presa. Quando o descobrem em distancia, ajoelham, e pondo o arco e flexas no chão diante de si, começam a bater palmas e andar de joelhos para o leão, fazendo-lhe supplicas humildes, de que se lembre dos seus escravos que estão com fome; que quando estava no mundo era tão generoso; que os seus escravos sempre o serviram bem; que deixe o resto para os seus escravos; que é rei e tem muita carne de que se póde utilisar, etc. É d'esta fórma, e com esta lamuria que se vão aproximando, sempre em distancia respeitosa, fazendo suas paragens, levantando a voz, se por acaso a fera está entretida no seu banquete, e lhes não dá attenção. O leão não é de muito alimento, e a parte de que mais gosta da rez, é o peito e as entranhas. Quando, por estar satisfeito, e mesmo por ver-se livre dos importunos, deixa a presa, e se retira com todo o vagar e gravidade, elles redobram então o bater das palmas e os agradecimentos. Finalmente apoderam-se da carne e fazem-a toda em tiras de tres dedos de grossura, e quatro ou cinco palmos de comprimento. Não se cançam em esfolal-a. Aquella parte que está com o coiro assim mesmo vae com elle pegado. Estendem estas tiras ao sol, sem sal, e em 3 ou 4 dias estão sêccas como pau. Chamam-lhes *mizongas*.

É a Tete que levam a vender panellas cheias de mel com a cera, e d'aquella carne assim sêcca, em feixes, que parecem de achas de pau ebano. Adquire uma consistencia rigissima. Para cozinhar-se é preciso estar de molho um dia, e depois corta-se a machado em pequenos pedaços, que se põem a cozer. Só depois de 6 ou 8 horas de ebulição é possivel tritural-a com os dentes. Os cafres, e filhos do paiz gostam muito d'esta carne. Não sendo totalmente sêcca, é indigesta, e tem um sabor ingrato e desagradavel ao palladar do europeu que não está acostumado a ella.

Os munhães dominam completamente todo o territorio que estamos occupando na margem direita do Zambeze, vexando-o incessantemente com roubos, e extorsões, valendo-se para isso de todos os ardis. Um d'elles, por exemplo, é o seguinte: chegam a uma d'essas povoações dois ou tres munhães dando-se grande importancia, e dizendo que são da muzinda do principe F.... ou do pondoro F.... que vão com uma embaixada. O que faz de chefe encosta o arco (que já leva prompto, e todo bem untado de gordura) em um logar que acha mais proprio, e nunca perde de vista a sua armadilha. Conversa com muita familiaridade e boas maneiras com a gente da povoação, e entretem-se assim até que um cão (sempre os ha demais nas povoações) passe, e dando-lhe o cheiro da gordura, vá lamber o arco. Ás vezes, mesmo antes d'isso, uma criança ou qualquer pessoa que ao passar inadvertidamente, ou de qualquer fórma lhe toca, ou o faz caír, o simples impulso do vento, qualquer circunstancia em fim por mais simples que seja, é bastante para o nosso homem se desfazer em exclamações amarguradas, de que os negocios de seu amo que estavam no cumulo da prosperidade estão perdidos, porque aquelle arco, que era do proprio principe, ou pondoro, que estava preparado com os encantamentos dos mais habeis gangas, e que já tinha feito prodigios em tal, e tal occasião, tinha seu amo para o haver gasto tantos, e quantos, etc. Que n'este momento tudo estava perdido. Que o successo acontecido n'esta povoação de feiticeiros e malvados inimigos de seu amo, lhe tinha quebrado os encantamentos, e estragado uma preciosidade de valor inestimavel. Com estes escar-

ceos deixa os pobres da povoação aterrados, pela certeza que tem de que tudo quanto possuem é para pagar esse milando. Não tarda logo uma mensagem do monomotapa sobre este milando, que se fez na povoação de tal, da terra tal, ao enviado do principe F.... ou do pondoro F.... O imperador apoia sempre estes roubos, tanto pelo interesse que d'elles tira, como por não ter força para se lhes oppor, e ser n'elles que firma o seu poder. É a elle que compete fazer taes reclamações. Forçoso é pois mandar notificar os pobres, que comparecem, com os seus accusadores perante o capitão-mór dos *milandos* (juiz das causas cafres) que ouve ambas as partes em publica audiencia (na villa de Tete). A imposição porém da pena é sempre a contento dos munhães. Essa é a grande questão, em que é preciso muita habilidade, e paciencia do juiz para leval-os a esse acordo, porque nada acham sufficiente para indemnisação de objecto de tanta importancia. É um roubo auctorisado e protegido por força.

O proprio imperador, ou qualquer dos principes, sabendo que está alguem novato em Tete, e que tem alguma cousa, manda-lhe um presente de um dente de marfim, que é recompensado com fazenda, pouco mais ou menos no seu valor. Retiram-se com ella. Passado tempo, quando suppõem, ou mesmo sabem pelos escravos, que o individuo já não tem o tal marfim, apparecem-lhe os enviados da parte de quem vieram a primeira vez, dizendo que seu amo os mandava para lhe levarem o seu marfim, que lhe tinha roubado mandando-lhe uma ridicularia, quando elle valia isto, aquillo, e aquel'outro; e ou lh'o havia pagar, ou entregar-lh'o. D'isto não ha que appellar; é preciso dar-lhes fazendas até os satisfazer. Ora estes casos, e outros tão infames, são mais frequentes quando se tem feito expedições de fazendas para o sertão dos *musuzuros* para compra de oiro e marfim. Estas expedições são sempre importantes, e é quando elles sabem d'estas remessas para o sertão, que por força passam pelo seu territorio, e que assim mesmo vão sangrando, que põem em pratica os ardís sobreditos e outros muitos em que são fecundos, ameaçando logo de que, se se lhes não fizer justiça, lá estão as fazendas no sertão, que lhes servem de garante, e se irão pagar com usura; e de facto o fazem apoderando-se de tudo. Por isso acontece em taes circunstancias fintarem-se alguns moradores para pagar qualquer d'estes milandos, se o arguido não tem com que, para que elles não tenham pretexto de sangrar, como ainda sangram, quanto podem, as fazendas do sertão.

Ha tres ou quatro annos, se as auctoridades de Tete tivessem um pouco de tacto governativo, intelligencia, e zêlo pelo serviço do paiz, podiam ter feito um relevantissimo serviço com a acquisição da Chedima, sem queimar uma escorva, porque, estando sem imperador, (e não sei se ainda está) ameaçados pelos vatuas, os principes receosos uns dos outros, e completamente desunidos, procuravam todos o nosso apoio, para lhes darmos um imperador. As auctoridades, por inacção e desmazelo, foram sempre surdas a tudo quanto não era commerciar com elles com exclusivismo, e o que mais é vendendo-lhes polvora e armas por preços desmarcados (não sei mesmo se das que pertenciam á fazenda) e tanto que não houve uma só das ditas auctoridades que não enriquecesse. Hoje talvez já seja tarde. O nosso dominio alli é nullo. Somos pelo contrario dominados pelos cafres. Não se attribua isto á falta de forças; é certo que muitas vezes, ou quasi sempre se dá este caso, mas a causa principal de que provém o mal, é do systema governativo e das auctoridades, que não conhecem que a base que devem procurar para firmar-se é a força moral, e que sem ella não ha governo possivel. Releve-se-nos que agora nos desviassemos um pouco do nosso objecto, tocando de leve n'outro que é materia vasta.

Os munhães são, como todos os povos d'esta parte, supersticiosos, pouco industriosos, maneiras selvagens e brutaes, mas filhas do estudo que fazem em mostrar-se sempre arrogantes, inspirando assim superioridade. Os escravos munhães, e maraves, são os peores d'esta parte d'Africa. Os munhães passam por valentes, são effectivamente aguerridos, e batem-se corajosamente. O imperio é hereditario em sobrinho filho de irmã.

GAMITTO

POVOS DE SUMATRA.

D'entre os povos da ilha de Sumatra, que offerece grande variedade na escala da civilisação, os principaes e mais conhecidos hoje são os *lubus* e os *battas*. Os primeiros, rudes e bravios por extremo, vivem em regiões apartadas dos outros povos, sem artes nem habitações permanentes; a sua posição, como povo, é similhante á dos *bushemanes* da Africa meridional. Os *battas* não se acham em tanto atrazamento social; tem uma população lettrada, alphabeto, livros; porém são ao mesmo tempo cannibaes, e apresentam uma mistura de civilisação e de barbaria, que se não encontra em outra nenhuma parte.

Na extremidade septentrional da ilha está situado o reino de Atshim, ou Achem, cujos povos professam a religião mahometana, e conhecem o alphabeto arabico, porque tem tido muito trato commercial com os arabes. Ao sul do reino de Atshim demora o paiz dos *battas*, n'uma situação elevada, arida, e um tanto desabrigada, com rios e bosques de pouca importancia. A vegetação opulenta do archipelago indio é desconhecida alli, aonde o solo apresenta barro endurecido e rochedos açoutados dos ventos, e escaldados pelo sol do equador.

Os *battas* são anthropophagos, como se disse, mas não porque se nutram de carne humana; costumam comel-a sómente para satisfazerem a uma especie de ceremonia, ou para mostrarem que detestam certos crimes por meio de um castigo ignominioso, ou para insultarem os seus inimigos, e sacarem d'elles uma vingança selvatica. As victimas d'aquelles nefandos banquetes são quasi sempre os prisioneiros havidos na guerra, e os réos condemnados por crimes capitaes, sobre tudo por adulterio.

Os prisioneiros não feridos podem ser resgatados ou vendidos como escravos. Os réos são julgados pelo povo da tribu em que o crime se perpetrou; mas nenhum póde ser executado sem conhecença do seu raja, o qual, quando reconhece que a sentença foi justa, envia um panno para com elle se cobrir a cabeça do delinquente, e juntamente um grande balaio com sal e limões. A victima então é ligada a um poste, e alanceada; e logo que está ferida mortalmente, é cortada em pedaços, que se temperam com sal e sumo de limão, e se assam a um lume preparado para aquelle fim. As caveiras dos padecentes costumam ser penduradas como tropheos defronte das choupanas, até que os parentes as vão resgatar mediante uma certa quantia.

A crença d'estes povos é o que elles offerecem mais digno de notar-se. Originaes da India, trouxeram de lá imperfeitas noções da religião de Brahama. Tres são as divindades a que dão culto, a saber: *Batara-guru, Sori-pada*, e *Mangallá-bulang*. O primeiro d'aquelles deuses é regedor dos ceos, pae do genero humano, e em parte creador da terra. A terra, suppõem elles, estava no principio do tempo sustentada á cabeça de *Naga-padoá*, o qual de cançado abanou a cabeça; a terra então caiu, e não

ficou no mundo senão agua. Os *battas* não presumem conhecer a origem da terra e da agua, mas dizem que quando esta ultima cobria todas as cousas, a principal divindade *Batara-guru* tinha uma filha chamada *Puti-orla-bulan*, que pediu licença para descer as regiões inferiores, e veiu montada n'um mocho branco, e acompanhada de um cão; e como não podesse aqui residir por causa das aguas, seu pae deixou cair do ceo uma elevada montanha chamada *Bakarra*, hoje situada no paiz dos *battas*, para residencia de sua filha; e foi d'aquella montanha que toda a mais terra procedeu. A terra tornou a ser sustentada sobre tres cornos de *Naga-padoá*, e para que este a não deixasse outra vez cair, *Batara-guru* mandou seu filho (chamado *Laiang-laiang-mandi*, isto é, a andorinha mergulhadora) para o atar de pés e mãos. *Puti-orla-bulan*, em quanto se deteve na terra, houve tres filhos e tres filhas, dos quaes nasceu todo o genero humano. É aos movimentos da cabeça de *Naga-padoá* que os *battas* attribuem os tremores de terra.

O segundo dos deuses mencionados impera nos ares, entre a terra e o ceo; e o terceiro é o que manda na terra; mas estes dois são subalternos do primeiro. Além das divindades já mencionadas, ha outras, tantas quantos são os objectos sensiveis; e mais quatro espiritos máos, que habitam em quatro montanhas separadas, e são auctores de todas as maldades que succedem no paiz.

Tem os *battas* alguma noção da immortalidade da alma, e de um estado futuro de felicidade, ou de miseria. Dizem que a alma de um moribundo lhe foge pelo nariz, e é levada pelo vento; que se foi de pessoa de boa vida, vae para um logar afortunado; mas, se foi d'algum malfeitor, é mettida n'uma caldeira, aonde fica a arder até que *Batara-guru* julgue o castigo proporcionado aos peccados, e compadecido a chame para si. Crêem tambem aquelles povos, que tempo virá em que se gastarão as caldeiras de *Naga-padoá*, e elle deixará cair a terra outra vez, ficando então muito perto do sol; que as almas dos bons que viveram até ao ultimo dia, irão tambem para o ceo, e as dos máos serão lançadas na caldeira citada, para serem atribuladas por um ministro de *Batara-guru*, chamado *Suraya-guru*, até que, depois de expiarem as suas faltas, possam ser recebidas no ceo.

Depois de termos fallado dos povos de Sumatra, não devemos passar em silencio os *nias*, nação que habita a pequena ilha de *Pulo-Nias* na costa occidental de Sumatra. Este pequeno povo torna-se notavel pela doçura de seus costumes, e pela habilidade com que exerce certas industrias manuaes. Os *nias* são excellentes carpinteiros de casas, e sabem sangrar ao modo europeu; são sobrios, trabalhadores, mas ao mesmo tempo avarentos e vingativos. Os hollandezes empregam-nos muito em seu serviço domestico. São dados ao suicidio, e com facilidade se matam quando estão descontentes com a sua situação, ou quando vivem mal com as familias. Diz-se que costumam tambem expor os filhos, quando os não podem criar; n'este caso, os mettem n'um sacco, e penduram este a uma arvore; mas suppõe-se mais geralmente que usam d'aquelle meio, apparentemente mais deshumano do que é, para seus filhos serem recolhidos e criados por pessoas mais abastadas do que seus paes, e ao mesmo tempo estarem fóra do alcance das bestas feras que rondam pelo paiz.

Os habitantes de Java differem bastante dos de Sumatra, por terem uma civilisação em grão mais elevado, o que é devido a influencias indianas. D'elles e dos povos de Bornéo havemos de fallar em outra occasião.

PEDRO DINIZ.

ANTIGUIDADES DE NINIVE.

É ponto assentado entre historiadores e antiquarios, que Ninive, outr'ora capital do reino da Assyria, ou Ninive, na margem esquerda do Tigre a 400 kilometros de Babylonia, fôra fundada por Assur no anno 2680 A. C. Tinha aquella metropole 45 kil. de circunferencia, e era cingida de muralhas de 30 metros d'altura e torres de mais de 70, guardando em seu vasto recinto uma população de 600.000 almas.

Em 1968 antes da era christã foi alargada por Nino que lhe deu o nome. Foi tomada duas vezes, a primeira por Arbaces e Belesis em 759 (depois da batalha de Ninive e da quéda de Sardanapalo, 762 ou 761); a segunda vez, por Nabonassar, i rei de Babylonia em 625. A corrupção de Ninive corria parelhas com o seu poder e opulencia. Os profetas judeos referem-se muitas vezes ao seu luxo desmarcado. Bem conhecida é a famosa missão dada por Deus a Jonas, e o receio que lhe inspirava; cumpria-a por fim bradando por todas as ruas e praças d'aquella París asiatica: «D'aqui a quarenta dias será Ninive destruida.» Segundo os sagrados textos, condoeu-se Deus então da penitencia dos ninivitas e perdoou-lhes.

Póde-se dizer que Ninive durou, mas em decadencia, até ao tempo da conquista dos arabes no setimo seculo.

N'estes ultimos annos se tem os eruditos occupado muito com a exploração de suas ruinas, e actualmente mr. Place tem presidido a bem dirigidas excavações. Ha poucos mezes collocára elle sobre jangadas grande numero de esculpturas colligidas n'aquelles sitios, para virem pelo Tigre abaixo até serem recebidas por uma embarcação que as devia transportar á Europa. Eram as jangadas sustidas por odres cheios de vento, que rebentaram, não se sabe se por acaso, ou se furados pelos piratas arabes. Duas d'ellas foram a pique e tudo quanto traziam, mas depois de aturados esforços conseguiu-se tirar do fundo do rio grande parte d'aquellas antiguidades submersas, e que a sciencia lamentava já como perdidas. Quem dirigiu esta pescaria de esculpturas foi Nesseud Bey, governador de Bagdad, homem intelligente e emprehendedor, a quem os antiquarios de todas as nações devem relevantes serviços.

As antiguidades de Ninive hão de contribuir muito para illustrar a historia antiga dos povos biblicos.

L.

ABESTRUZ.

O abestruz, *struthio camelus* de Linneu, é uma ave de sete a nove pés d'altura até á cabeça. Do costado para baixo raras vezes tem mais de tres ou quatro pés: o pescoço é que é excessivamente comprido. A cabeça, em relação ao corpo, é mui pequena, e, assim como a maior parte do collo, não tem senão alguns raros pellos. O bico é largo, curto, e abaulado. No corpo, as pennas são pretas e soltas; nas azas e no rabo, alvissimas, compridas, fluctuantes, uma ou outra com ponta negra. As azas são armadas de esporões, as coxas nuas, os pés fortes, fendidos, e de côr pardo escuro. Não se serve das azas para voar, mas só como auxiliar da carreira, que é tão veloz que o não alcança o cavallo mais ligeiro. As pernas menos parecem de ave, que de quadrupede.

Os ardentes e escampados areaes d'Africa e Asia são o paiz natal do abestruz, que por elles vaga muitas vezes em tamanhos bandos, que tem chegado a amedrontar as caravanas figurando tropeis de cavallaria de salteadores arabes.

O abestruz parece ser o annel intermedio entre a cadêa das aves e a dos quadrupedes. Na Africa me-

ridional causa grande perda ás cearas que accommette e de que mal deixa a palha. O macho, do sul da Africa, no tempo da creação toma por companheiras de duas até seis femeas. Todas põe ovos no mesmo ninho, que é uma cova pouco funda feita na terra; e todas no mister da empolhação se revezam durante o dia, tocando o serviço da noite ao macho, que tem mais força para defender a prole dos ataques dos leopardos e outros ferozes inimigos. Ás vezes, depois da lucta, muitas d'estas aves ficam mortas ao pé dos ninhos. D'elles apparecem alguns com sessenta ovos, mas ordinariamente tem menor numero. Cada femea põe doze a dezeseis ovos, e continúa a postura mesmo durante a incubação, e até depois de ter os filhos, reservando os ultimos ovos para o primeiro alimento dos pequeninos. Um ovo de abestruz contém tanta substancia como vinte e quatro de gallinha caseira. Os frescos tem bom gosto, e são havidos por alimento sadio. Para embarque são mui bons, porque pela grossura da casca aturam muito. No cabo da Boa-Esperança, no Cairo e n'outras cidades do Egypto, faz-se grande uso e grande commercio d'elles. Uma das maiores cascas d'estes ovos que se tem visto, existia na Academia de Suecia: pesava onze onças, e levava cinco quartilhos e meio da medida franceza.

Ainda que os abestruzes andem mais que o cavallo, é a cavallo que os caçam, empregando uma estrategia particular, não os accommettendo logo violentamente, mas cançando-os primeiro, e matando-os



ABESTRUZ

depois á bordoada, para não manchar com sangue a bellissima alvura das pennas, que tanto valor tem no commercio para enfeite das senhoras, pennachos, etc. Além das pennas, tambem os arabes lhes utilisam e curtem a pelle.

Os abestruzes sustentam-se principalmente dos rebentos dos varios arbustos que crescem pelos sitios aridos d'Africa, e parece que não necessitam agua, porque vivem onde não vive nenhum outro animal. Engolem substancias durissimas, parecendo ser causa da sua estranha voracidade a grande capacidade do estomago, que precisam encher com volume sufficiente. É falso o que diziam os antigos, que esta ave digeria ferro.

O abestruz não é absolutamente intratavel. Cria-se, domestica-se facilmente, e até se deixa montar no seu paiz natal, mas é incapaz de prestar serviços regulares.

JORNALISMO LITTERARIO EM POTUGAL.

O apparecimento e diffusão dos periodicos litterarios constituem por certo um symptoma de illustração em todo e qualquer paiz. N'este caso as publicações litterarias operam de duas sortes: são um meio indirecto, mas efficaz, mas perseverante e progressivo de conquista intellectual, que abrilhanta e alarga todos os dias e todas as horas as suas victorias por entre as classes mais rudes e populares; e são um resultado d'esses mesmos conhecimentos im-

plantados aqui e alli, d'essas luzes derramadas pelo seio de tantas trevas.

Em Portugal a progressão das publicações periodicas, cujo fim haja sido o derramamento da instrucção popular, tem sido sujeita a alternativas, como tudo n'este paiz, onde o convencimento das cousas uteis ainda não é um sentimento commum e fructificado nos seus effeitos, para todas as circunstancias activas da sociedade.

No entanto, mais ou menos, o jornalismo litterario contou sempre representantes desde que o fundou definitivamente entre nós o seu verdadeiro patriarcha, nos intentos e influxos da redacção, o antigo *Panorama*.

Infelizmente este periodico, que viu brilhar nas suas paginas as lucubrações dos mais incontestaveis talentos da nossa terra, e que, dirigido pela erudição profunda e variada, pelo tacto fino e gosto selecto do auctor da *Historia de Portugal*, tantos serviços fez ao paiz, diffundindo e radicando o gosto da leitura, e chegando ao alcance de todas as classes e de todos os entendimentos os grandes espectaculos que ennobrecem o nossa historia, os seus monumentos, as suas prodigiosas victorias, assim como as creações do espirito e da imaginação de uma mocidade talentosa, que se estreava e, por vezes, triumphava já das maiores difficuldades do romance historico, das tentativas da critica litteraria, ou dos assumptos de mera phantasia; este periodico, repetimos, interrompido e pouco zeloso de seus antigos foros e regalias de nobreza litteraria, é hoje apenas um echo do que foi, e, se vive, é á sombra dos titulos de estima publica e creditos intellectuaes que soube grangear e firmar em padrão, que a lembrança dos homens lidos respeitará ainda por muito tempo.

Antes do *Panorama* occupou um logar distinctissimo o *Jornal dos amigos das lettras*, publicação em que vimos associadas as primeiras forças intellectuaes do paiz, e que nos poucos numeros que deu á luz publica, provou de quanta utilidade seria o vigor da sua critica e o complexo dos seus conhecimentas litterarios, para muitos dos pontos obscuros da nossa historia litteraria. Collaborada especialmente pelos srs. Castilho e Herculano, o seu caracter é notavelmente philologico e archeologico.

Outros jornaes, como o *Archivo Popular*, o *Mosaico*, e varios mais, começam de apparecer depois; e posto que sua valia não seja grande como demonstração do nosso desenvolvimento intellectual e symptoma de robustez e adolescencia de vida litteraria, tem comtudo o seu merito significativo como impulsos do amor ás lettras, que animava os espiritos. Foram como os primeiros arreboes da aurora da restauração litteraria, que mais tarde radiou brilhante em todo o horisonte de Portugal.

Ao *Archivo Popular* deve, porém, o paiz serviços. Publicação especialmente modelada pelas melhores francezas e inglezas, cujas vistas não passem os limites da instrucção popular, por meio de escriptos amenos e faceis, que, despertando a curiosidade, e estimulando a imaginação ás classes desprovidas de fortuna, lhes recreia o espirito, despontando-lhes ahi os germens de idéas, que depois um melhor cultivo faz desabrochar em fructos apreciaveis; a voga que o *Archivo Popular* soube sustentar por espaço de alguns annos foi proficua e não sem resultados.

Mas o *Mosaico* teve outra significação e outro alcance.

O *Mosaico* foi onde muitos dos talentos, que sustentam hoje a reputação das nossas lettras, se iniciaram conspicuamente, mostrando-se os interpretes, os proselytos, os apostolos, e muitos já os evangelistas e os doutores da eschola nova, que, fundada pelo *Camões*, pelos *Ciumes do Bardo* e pela *Harpa do Crente*, fizera correr a juventude portugueza, na efflorescencia de talentos esplendidos, a respirar essas idéas que, vindas d'além do Rheno, haviam sabido inspirar o alaúde do auctor das *Orientaes*, e a saudosa e apaixonada lyra do poeta das *Meditações*. O *Mosaico* foi o prologo em que Rebello da Silva, Mendes Leal, Mendonça, Corvo, Casal Ribeiro e outros engenhos, hoje já fortalecidos e nobilitados em diversos ramos da sciencia e do saber, balbuciaram as primeiras syllabas dos seus protestos de fé litteraria, e onde desferiram já os vôos das suas audaciosas concepções futuras.

Aquella publicação póde-se comparar ao átrio de um magnifico atheneu, em que a mocidade que o frequentava, de envolta com as velleidades e aberrações da ardencia e verdor dos annos, deixava entrever os fulgores de uma incontestavel intelligencia. Mas em todo o caso era já o átrio de um soberbo atheneu, cujo perystillo ia ser franqueado pelos alumnos, tornados em pouco mestres. As linguas de fogo haviam descido sobre elle: o tempo demonstrou-o.

A *Epocha* e o *Pharol*, folhas hebdomadarias, publicadas pouco tempo depois, são já a realisação d'estes pronuncios. A primeira d'estas publicações, collaborada por Rebello da Silva, Andrade Corvo, e Silva Tullio, alarga já os horisontes da nossa litteratura nos dominios da imaginação, aventurando-se a generos e concepções, onde só podem figurar com vantagem o espirito de observação e rigor de analyse, a phantasia creadora e o estudo.

O *Pharol* deve o seu apparecimento, talvez, a um estimulo de polemica, e a um desejo severo de analyse. O numero crescente de producções litterarias, a auctoridade que o exito de taes obras ia grangeando nos mancebos, cujos nomes as recommendavam, pediam já o exame da critica sem predilecções nem benevolencia de *camaraderie;* e pedia-o com o direito da valia propria. Latino Coelho e Antonio de Serpa, talentos naturalmente satyricos e sasonados por estudos profundos, propendendo por todas as inclinações do espirito para essa seita de analystas espirituosamente malignos, Mephystopheles da litteratura, que por entre a persuasão e a opportunidade do conselho de Boileau soltam as gargalhadas satanicas de Rabelais, foram os fundadores e redactores constantes d'este periodico. O seu fim foi uma critica desapiedada, pungente, sem quartel nem perdão a tudo e a todos. Nada escapou á espada de dois gumes d'estes novos archanjos, nada celestiaes, percorrendo e ferindo todas as obras, e ainda mesmo aquellas tinctas pelo sangue do cordeiro immolado. D'esta *iracundia* critica poucos *israelitas* escaparam. Os fabulados leões dos jardins das Hesperides não se tornaram tão receaveis e temerosos, guardando os pommos auriferos, como estes novos Manlios custodiando o palladium sagrado das immunidades e realezas do talento. Ninguem escapou. O proprio restaurador das lettras patrias foi victima. Almeida-Garrett não escapou ao alcance das suas frechas. A polemica, entretida então entre Latino Coelho e o *Barão d'Alfenim* (Tullio), é um dos escriptos mais chistosos e eruditos que possuimos no genero.

Vem aqui a vez de mencionar a fundação da *Revista Universal*, folha á testa da qual esteve por muito tempo o nosso primeiro engenho em lettras classicas, o sr. Antonio Feliciano de Castilho. Guiada e esclarecida pela sua esmerada sollicitude e profundo saber, a numerosa cohorte de talentos juvenis, que cooperava para a sustentação d'esta bella folha litteraria, mostrou já ahi, em creações serias, o quanto tinha a esperar d'elles o futuro e o paiz. O illustre auctor da *Noite do Castello*, verdadeiro Mentor n'esta expedição, em que havia tantas Troyas a vencer, reuniu o esforço de Achilles ás seducções da palavra de Ulysses. Diga-se o que se disser, a *Revista*, de-

baixo dos auspicios do sr. Castilho, foi mais do que um simples jornal litterario; foi uma propaganda que alargou vastas conquistas e educou soldados para a mais renhida e disputavel das refegas da imprensa. N'este sentido as primeiras series da *Revista Universal* marcam um periodo distinctissimo para as elocubrações dos nossos engenhos, e já indicam o acrilamento do gosto em muitas das manifestações do pensamento.

Remodelada nos jornaes de titulo identico, appareceu logo após a *Illustração*. O seu plano foi vasto, pois poz a mira em nada menos do que em desempenhar a tarefa tomada a peito pelas folhas assim denominadas em França, Inglaterra e Hespanha. Mas o atrazo da gravura em Portugal, indispensavel auxiliar e relêvo d'esta sorte de publicações, atalhou-lhe os intentos. O nome illustre de Alexandre Herculano, do auctor de *D. Branca*, e de outros, collocaram, todavia, esta publicação em subido conceito. Não nos parece, comtudo, que os seus resultados influissem no gosto ou progresso das nossas creações litterarias.

Seguindo o fio philosophico que enfia n'uma serie, mais ou menos deduzida, logica e progressiva, a reproducção d'este genero de publicações, é impossivel deixar de reparar no jornal a *Semana*, e de saudar até o seu apparecimento. A *Semana* no segundo periodo da sua existencia, entrando afanosa nas lides intellectuaes, debaixo da tutela esclarecida do sr. Silva Tulio, apresentou um programma ostentoso, e fôra para desejar o seu cumprimento. Mas a sua marcha desviou-se completamente do programma; e a variedade, riqueza e apropriação dos assumptos promettidos caminharam ao arbitrio dos collaboradores, sem nexo nem idéa inicial, aquella que deve presidir a toda a folha que se consagra a illustrar o povo, não deixando de lhe afagar de todo as propensões e instinctos. Todavia á *Semana* se deve a estrêa feliz de um dos nossos primeiros romancistas, o sr. Camillo Castello Branco, que ahi publicou o seu romance o *Anathema*.

No intervallo, ou simultaneamente com estas folhas litterarias, outras mais ou menos distinctas vieram a lume. O *Instituto*, o *Atheneu*, a *Revista Popular*, o *Trovador*, e uma infinidade de outras publicações subalternas, que, comtudo, contribuiram a provar a actividade da vida intellectual em certas classes menos eruditas, demonstrando n'ellas a existencia de escriptores e leitores; appareceram, tomando o seu logar na historia da critica e salutares influencias das lettras.

Cumpre, porém, extremar, com distincção do grupo, alguns d'estes jornaes, pelo alcance dos seus intuitos, e valor das forças e conhecimentos n'elles empregados. O *Instituto*, folha academica de Coimbra, ainda hoje existente e largamente desenvolvida nas suas lucubrações de philologia, e o *Trovador*, viçosa grinalda poetica, entretecida pelos mais sympathicos talentos da universidade, são duas fundações que provam incontestavel desenvolvimento de trabalhos de imaginação, e verdadeiro movimento de estudo e energia litteraria. O *Trovador* tem ainda outra significação, e bem expressa no seu titulo. É o genio da poesia nacional, que expande as azas, alargando o vôo nos horisontes das suas predilecções mais inspiradas. O passado com as suas tradições gloriosas, com as ficções vagas que a phantasia se compraz de engrandecer, com as lendas e feitos historicos que sorriem á imaginação do poeta por entre as sombras crepusculares dos tempos decorridos, tudo isto, accordado e colorido pelo talento de Garrett, o inspira a musa da saudade aos nossos mais esperançosos engenhos poeticos. A poesia classica, seguida do seu cortejo de inspirações tradicionaes e fórmas imitadas, foge diante do menestrel que se ergue d'entre as barbacans dos castellos feudaes, e que solta notas doloridas e maviosas, sentado debaixo da janella gothica da formosa castellã, que o escuta, pulsando-lhe o coração de poesia e amor. Estes cantos são os echos que respondem do Mondego aos queixumes e protestos que o amor das tradições da patria faz vibrar tão suavemente na *D. Branca* e no *Camões*. João de Lemos, Antonio de Serpa, e seu irmão José de Serpa, Cordeiro, Augusto Lima, O'Neill, Pereira da Cunha, eis a pleiade de bardos que se agrupa n'essa publicação periodica, cujo emblema devêra ser, como a symbolisação de seus instinctos e vocações, uma lyra, uma harpa e um alaude.

Depois d'isto a serie alternada dos jornaes litterarios foi quasi de todo interrompida. Os nossos talentos, attrahidos pela politica, não fulgiram já n'essas producções amenas, em que a imaginação ri, e a curiosidade do povo acha luz intellectual. A *Illustração Luso-Brasileira* foi um ensaio mais industrial, que litterario, que nasceu para morrer. Outras folhas surdiram, mas para mostrarem o pouco vigor de existencia que desde logo haviam promettido á nascença. Deu-se como um periodo de hybernação. No adormecimento estavam-se criando novas forças, com que se ia abrir um futuro capitulo á historia do nosso jornalismo litterario. Assim aconteceu. O periodico que inaugurou este periodo, pelas suas tendencias serias, e pelos largos horisontes a que desde logo lançou as vistas, foi a *Revista Peninsular*. Este jornal, consagrado a fraternisar a litteratura dos dois povos da Peninsula Iberica, e a estreitar os laços da sua historia pela poesia das tradições, e pelo sentimento commum das aspirações moraes e sociaes, é uma empreza vasta, que em cada anno que percorre consegue uma conquista e levanta um padrão, em que se vêem attestados os progressos de alliança intellectual d'estas duas nações, que a natureza mandou abraçar como irmãs.

Após a *Revista Peninsular* seguiram-se outras publicações, que provam que a vida litteraria vae renascer, florente e vigorosa, n'esta especie de producções alternadas. A *Revista Universal* continuou a sua publicação interrompida; o *Jornal de Bellas-Artes*, empreza collaborada conjunctamente pelas vocações mais alentadas da nossa academia, e por muitas pennas conhecidas e illustradas; os *Annaes das Sciencias e das Letras*, periodico mensal da academia das sciencias, que abre esclarecidas veredas, tanto nos dominios da sciencia, como nos campos da litteratura; e outros, em fim, de intentos menos audaciosos, e planos mais circumscriptos, patentêam os symptomas de actividade ainda ha pouco supitados em quasi todas as regiões das lettras.

A estas publicações vem juntar-se o *Archivo Pittoresco*, cujo plano de redacção é todo concebido com o intento de diffundir uma illustração amena e recreativa em todas as camadas da nossa sociedade. É um jornal de instrucção, como o precisam as nossas classes, que, menos lidas e illustradas, conservam comtudo em si o desejo instinctivo da illustração. É d'estes jornaes que mais necessita Portugal, porque é assim que, sem assustar as comprehensões populares, é possivel e agradavel encaminhar estas ás fontes da nossa historia, e ás noções mais elementares das sciencias moraes, tornando-se-lhes facil e appetecivel o que lhes fôra inaccessivel apresentado em diffusos compendios.

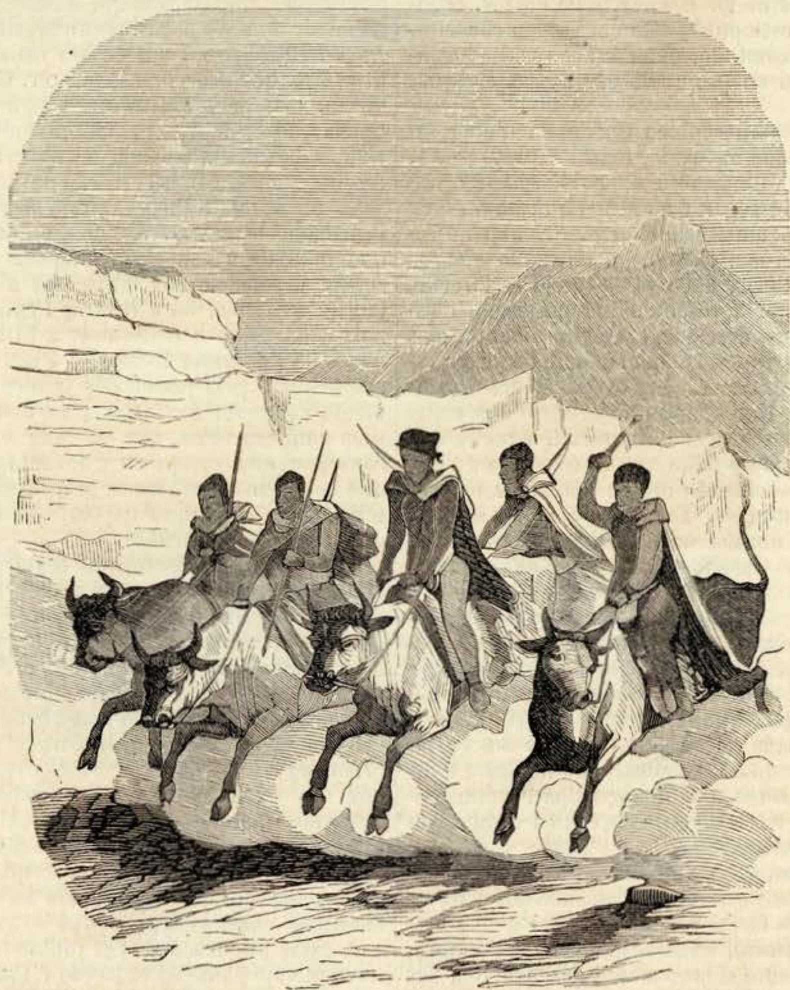
O *Archivo Pittoresco* não se vangloria de ser já o mais eloquente missionario, o catechista mais persuasivo e escutado d'esta propaganda, cujos resultados devem tanto reflectir na purificação e educação dos costumes, como no desenvolvimento das qualidades do entendimento; mas confia nos esforços da

sua empreza, e esses dirigidos e illustrados pelas principaes forças intellectuaes do paiz. Os numeros publicados já não são um mero programma; são mais: são um capitulo da sua historia, e um titulo que o habilita para com a estima publica. Quando não fossem outras e immensas as difficuldades vencidas, quando não se tornassem evidentes e demonstrados os progressos conseguidos, bastava a nitidez dos trabalhos typographicos, e principalmente o impulso e perfeição que a arte da gravura vae visivelmente recebendo d'esta publicação, verdades authenticadas em cada um dos numeros publicados, para se conhecer a que altura o seu influxo póde elevar-se em relação a muitas das classes que constituem a nossa actividade industrial. Este serviço é já grande, e por si devêra fazer a recommendação de qualquer empreza, quando outros futuros mais largos e auspiciosos a não recommendassem.

ANDRADE-FERREIRA.

BOIS-CAVALLOS D'AFRICA.

Na Africa, principalmente entre os hottentotes, empregam muito, já para transporte de pessoas, já para o de mercadorias, bois de que começam a servir-se e a adestral-os antes mesmo de terem um an-



no. A primeira operação por que passam é a de lhes furarem o nariz para metterem n'elle a brida. Para esse fim deitam-os sobre o espinhaço, e fazem-lhes na cartilagm que separa as duas ventas uma racha sufficiente para por ella passar um dedo. N'esta fenda, ou buraco, inserem um páo forte, limpo da casca, e recurvado n'uma das extremidades, de modo que não torna a sair. Em cada extremidade d'elle prendem uma tira de coiro, sufficientemente comprida para fazer o contorno do pescoço do animal, e servir de guia. Sobre os rins do boi estendem uma pelle de carneiro, ainda com a lã. Uma outra pelle dobrada em tres ou quatro, e presa por meio d'uma correia que passa muitas vezes por debaixo do ventre, constitue a sella. Muitas vezes juntam-lhe um par de estribos, que consistem em simples correias, tendo em cada extremidade um nó corredio. De ordinario os nós são acompanhados d'um bocado de páo, para que os pés tenham mais commodo ponto de apoio.

Quando o nariz do animal ainda está dorido, montam-no, e começam a educal-o. Uma ou duas semanas bastam ordinariamente para que elle se costume a obedecer a quem o monta. A facilidade e destreza com que os hottentotes dirigem os bois, causam verdadeira admiração. Caminham á vontade do cavalleiro, ora a passo, ora a trote, ora a galope; e como tem as pernas mais compridas, e são mais ligeiros do que os que por aqui se vêem na Europa, caminham com mais facilidade e promptidão, andando a passo tres a quatro milhas por hora, cinco a trote, e sete ou oito a galope em caso de necessidade.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B